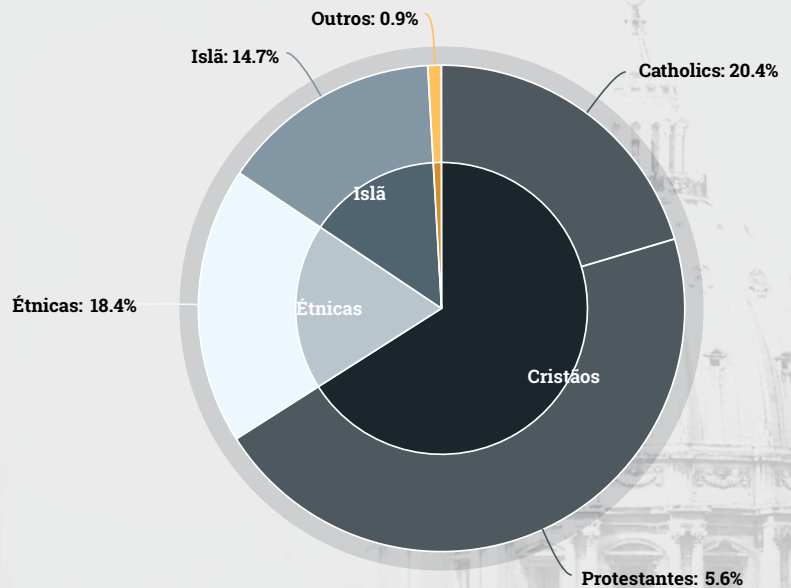
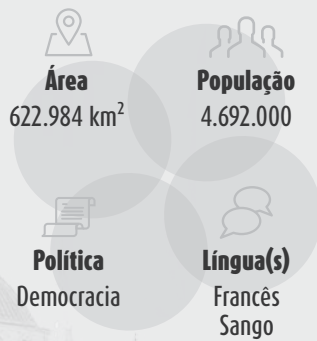


# República Centro Africana



## DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A República Centro-Africana é governada por uma nova Constituição, aprovada por referendo em 13 de dezembro de 2015 e promulgada em 30 de março de 2016. O processo concluiu a transição política que se seguiu à crise desencadeada pela tomada violenta do poder pelo Seleka, que derrubou o Governo em março de 2013. A nova Constituição substituiu a "Charte de la Transition" (Carta da Transição), que governou o país como Constituição provisória desde julho de 2013.

O preâmbulo da nova Constituição reconhece "a diversidade religiosa e cultural do povo Centro-africano, que contribui para o enriquecimento da sua personalidade". O artigo 10º garante "a liberdade de consciência, religião e culto" e proíbe "todas as formas de fundamentalismo religioso e intolerância". O artigo 24º proclama o caráter secular do Estado.

Todos os grupos religiosos devem ser registrados junto do Estado. Todas as denominações religiosas têm direito a emitir um programa semanal na rádio estatal e a ter suas próprias estações de rádio. A Rádio Notre Dame sediada em Bangui, que é católica, e a Rádio Voix de l'Évangile (conhecida anteriormente como Rádio Nehemie), que é protestante, são as principais estações de rádio confessionais. Algumas outras estações católicas, que abandonaram as suas emissões após as ações violentas do Seleka nas vilas onde costumavam

estar, emitem hoje em dia livremente: a Rádio Siriri, em Bouar, e Rádio Maria Be Africa, em Bossangoa, são algumas das que têm maior número de seguidores. A Rádio Maria emite em Bangui desde o final de 2013.

A educação religiosa não é obrigatória, mas mesmo assim está disponível na maioria das escolas. A Igreja Católica tem uma rede de escolas nas nove dioceses do país. A Igreja Católica tem as suas próprias escolas, coordenadas pelo ECAC (acrônimo francês para 'ensino católico'), havendo um memorando de entendimento assinado com o Ministério da Educação.

As principais celebrações religiosas cristãs são feriados públicos: Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão, Assunção de Nossa Senhora, Dia de Todos os Santos e Natal. O "Pacto Republicano", que foi o documento de conclusões e recomendações adotado em 11 de maio de 2015 no final do Fórum de Bangui, uma conferência nacional sobre reconciliação, recomendou fortemente que o Estado adote as principais celebrações muçulmanas. A partir daí, o Governo de transição adotou esta recomendação e acrescentou como feriados públicos as celebrações do Eid al-Fitr e do Eid al-Kebir.

## INCIDENTES

A violência inter-religiosa na República Centro-africana foi relativamente reduzida até o início da recente crise. O Seleka, uma coligação livre de diferentes grupos rebeldes do nordeste do país, onde os muçulmanos são a maioria, iniciou uma grande ofensiva em dezembro de 2012 e tomou o poder em

23 de março de 2013. As populações não muçulmanas e as instituições cristãs foram atacadas, o que desencadeou uma reação violenta de um grupo de autodefesa conhecido como anti-balaka. Embora este grupo tenha sido frequentemente categorizado como “milícias cristãs”, a sua identidade é majoritariamente animista e nenhum líder religioso cristão, fosse ele católico ou protestante, apoiou esta causa. O Seleka perdeu poder político em Bangui em janeiro de 2014, mas no momento em que escrevemos este relatório o Seleka ainda tem influência em vastas partes do país.

Durante o período deste relatório, ambas as milícias continuaram matando pessoas com base na sua identidade religiosa, o que levou a ataques de retaliação e a ondas de violência. A população muçulmana da República Centro-africana permanece desproporcionalmente deslocada e na parte ocidental do país está encurralada em enclaves de manutenção da paz onde não consegue praticar a sua religião livremente. Mas, no final de 2014, 80% da população muçulmana do país foi expulsa do país.[1] Em meados de 2016, alguns deles, majoritariamente aqueles que podiam pagar a viagem, regressaram ao seu país, sobretudo ao enclave tradicional muçulmano de Bangui, conhecido como “Kilometre Cinq” (quilômetro cinco).

Na parte ocidental do país, a minoria muçulmana praticamente desapareceu. Embora algumas vilas tenham territórios muçulmanos protegidos por forças internacionais de manutenção da paz, muitas outras vilas e aldeias que anteriormente alojavam comunidades muçulmanas substanciais estão agora sem nenhum habitante muçulmano. As mesquitas ficaram gravemente danificadas ou destruídas. Em julho de 2015,[2] a organização de direitos humanos Anistia Internacional publicou um relatório em que afirma que, em alguns lugares, as milícias anti-balaka converteram os muçulmanos à força ao cristianismo ou puseram enorme pressão sobre eles para que se convertessem. À exceção de algumas vilas onde os soldados da paz da ONU estão baseados, os muçulmanos foram de fato impedidos de praticarem ou manifestarem em público a sua religião. O relatório da Anistia afirma: “Isto significa que não podem rezar (exceto em segredo); que não podem usar as vestes muçulmanas tradicionais; e que não podem reconstruir as suas mesquitas. É frequente que nem sequer se atrevam a falar a sua língua preferida que possa ser ouvida por outros. Embora os membros da grande comunidade possam ter consciência de que eles são muçulmanos, a sua religião foi tornada invisível.”[3]

Por contraste, no 2º distrito de Bangui, uma iniciativa conjunta de cristãos e muçulmanos no bairro de Lakouanga lutou por reconstruir a mesquita depois de esta ter sido destruída num ataque de retaliação pelos anti-balaka no final de maio de 2014. Contudo, após um surto de violência sectária na capital da República Centro-africana em 26 de setembro, a mesquita foi atacada pela segunda vez em 27 de setembro de 2015 e ficou muito danificada. Em fevereiro de 2016, foi

formado um comitê conjunto para continuar o trabalho de reconstrução da mesquita e, no final de março, as orações de sexta-feira foram retomadas.

Em julho de 2015, o Parlamento interino, o Conselho Nacional de Transição, votou para proibir que os refugiados da República Centro-africana votem nas eleições presidenciais e legislativas. Uma vez que os muçulmanos constituem a maioria dos refugiados, este voto foi desfavorável para esta população. Contudo, o Tribunal Constitucional anulou a votação nesse mesmo mês e os refugiados puderam votar nas eleições de dezembro de 2015 e fevereiro de 2016.

De 26 de setembro a 16 de outubro de 2015, Bangui foi palco da mais recente escalada de violência no país, quase um ano após incidentes semelhantes (8 a 17 de outubro de 2014). O aumento da violência matou setenta e nove civis e feriu 512. Em 16 de outubro, a violência resultou em 17.090 deslocados e levou 2.894 refugiados a atravessarem o rio Ubangi para Zongo, na República Democrática do Congo.[4]

A violência teve início quando, na noite de 25 para 26 de setembro de 2015, foi descoberto o corpo de um jovem motorista de moto-táxi no 8º distrito de Bangui, predominantemente cristão. Os possíveis assassinos tinham tatuado o seu peito com a seguinte frase: “Feliz festa do Tabaski”. Como o seu corpo foi deixado em frente à mesquita de Ali Babolo, no bairro muçulmano “Kilometre Cinq” de Bangui, milícias muçulmanas em fúria atacaram o vizinho 5.º distrito (predominantemente cristão), disparando as suas armas e incendiando centenas de casas. Uma hora mais tarde, centenas de militantes anti-balaka foram para Combatants, Gobongo e Boy Rabe e foram travadas batalhas durante várias horas. Durante a violência do primeiro dia, milícias muçulmanas atacaram e danificaram as instalações da Igreja católica de São Matias Mulumba, em PK5, e incendiaram a paróquia de Santa Michelle, incluindo a igreja, a casa do padre e o centro social no 5º distrito de Bangui.[5]

Uns dias após a violência ter diminuído, as tensões voltaram a aumentar em 26 de outubro de 2015, quando quatro membros de uma delegação de um antigo grupo Seleka (Union pour la Paix en Centrafrique [União pela Paz na República Centro-Africana]), que tinham vindo a Bangui para consultas com as autoridades nacionais, foram atacados, sequestrados e mortos por homens armados quando estavam num táxi no bairro de Combatant, 8º distrito de Bangui. Quando as notícias destes ataques chegaram ao PK5, três jovens cristãos do bairro de Lakouanga, que costumavam vender embalagens de água no mercado do PK5, foram assassinados num ataque de vingança. Entretanto, na mesquita central do PK5, o Arcebispo Dieudonné Nzapalainga de Bangui, que estava conduzindo uma missão preparatória para a visita planejada do Papa Francisco à República Centro-Africana com alguns

[1] <http://www.uscirf.gov/countries/central-african-republic>

[2] <https://www.amnesty.org/en/documents/afr19/2165/2015/en/>

[3] <https://www.amnesty.org/en/documents/afr19/2165/2015/en/>

[4] <http://www.un.org/press/en/2016/sc12222.doc.htm>

[5] Estes dois ataques, bem como os eventos descritos nos parágrafos seguintes, foram documentados pelo autor deste relatório, que esteve presente em Bangui durante a segunda metade de 2015.

responsáveis do Governo e do Vaticano, foi verbalmente atacado e ameaçado por um antigo líder do Seleka chamado Haroun Gaye. A tensão forçou a delegação a sair rapidamente da mesquita. Gaye regressou à mesquita nessa tarde com alguns milicianos e ameaçou o Imã Tidjani por cooperar com a delegação. Mais tarde nessa noite, o Arcebispo Nzapalainga emitiu uma declaração apelando à calma e ao perdão.

Três dias mais tarde, em 29 de outubro, três muçulmanos motoristas de moto-táxi de PK5 foram mortos no vizinho 6.º distrito durante uma disputa com alguns dos seus colegas cristãos. Milícias muçulmanas retaliaram atacando o bairro de Fátima e queimando várias casas. Durante esse dia e nas semanas que se seguiram, milhares de pessoas se refugiaram na Igreja Católica de Nossa Senhora de Fátima, que esteve constantemente sob tiroteio de milícias muçulmanas. A intervenção do contingente burundês da MINUSCA impediu um massacre, mas os soldados da paz não conseguiram impedir que os homens armados realizassem uma destruição generalizada. À medida que estes passavam pelos bairros majoritariamente cristãos, incluindo Kina, Cattin, Fátima, Kokolo, Kpetene e Bearex, ateavam fogo e matavam muitos residentes cristãos. A Igreja Batista de Kina foi destruída pelo fogo. As Filles de Marie Missionnaire, uma comunidade de irmãs religiosas no bairro de Bibale, foram saqueadas várias vezes e a sua capela foi profanada.

Durante a violência de 26 de outubro até ao final de novembro, os muçulmanos do PK5 foram forçados a viver no seu bairro como um enclave isolado. Milícias anti-balaka impediram-nos de entrar em outras partes da cidade. A visita do Papa Francisco a Bangui, em 29 e 30 de novembro de 2015, marcou um ponto de mudança. Apesar de muitas preocupações de que a violência em Bangui pudesse impedir o Papa de realizar a viagem, o Papa Francisco visitou a mesquita central do PK5, onde pronunciou uma mensagem forte de reconciliação entre cristãos e muçulmanos. Nesse dia, cristãos e muçulmanos voltaram a se deslocar livremente em todas as partes de Bangui e, pela primeira vez em muitos meses, os muçulmanos puderam se deslocar livremente em todo o lado usando o seu traje, alguns deles chegando mesmo a participar na Missa Papal final no principal estádio de Bangui, em 30 de novembro. No dia anterior, o Papa Francisco foi à catedral de Bangui, numa visita que antecipou a abertura oficial do Ano Santo da Misericórdia. Foi um acontecimento com um significado extraordinário no contexto da violência inter-religiosa que assolou o país depois de 2012.

A visita do Papa Francisco criou um momento de grande emoção para todos os centro-africanos. Muitos deles ficaram convencidos de que a sua presença tinha “removido a maldição” que tinha caído sobre eles nos últimos três anos. No final de dezembro de 2015, as eleições presidenciais e legislativas ocorreram numa atmosfera muito mais calma. Em 30 de março de 2016, o recém-eleito presidente Faustin Archange Touadera tomou posse, inaugurando um novo período de poder legítimo que pôs fim a três anos de transição tumultuosa.

Durante os primeiros meses de 2016, continuaram sendo

relatados alguns incidentes de discriminação por motivos religiosos. Em 18 de maio, um veículo que transportava passageiros vindos de Boda (prefeitura de Lobaye) alcançou o posto de controle de polícia PK9 na saída sul de Bangui. As pessoas foram forçadas a passar aí a noite e, no dia seguinte, a polícia pediu aos passageiros que apresentassem os seus documentos de identificação. De acordo com testemunhas oculares, aos que tinham nomes muçulmanos foi exigido o pagamento de uma soma de 5.000 FCFA cada. Depois de implorarem aos agentes, a quantia foi reduzida para 2.000 FCFA.

Além disso, em 20 de maio, por volta das 4 horas da manhã, o almuadem da mesquita central em Berbérati, prefeitura de Mambéré-Kadéï, foi atacado por um grupo de presumíveis elementos anti-Balaka dentro da mesquita quando se preparava para chamar os muçulmanos à oração. Os agressores fugiram. O almuadem foi mais tarde transportado para o hospital.[6]

## PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A situação em relação à liberdade religiosa deteriorou-se no período imediatamente após 2012. Contudo, apesar de diferentes ciclos de violência baseada em intolerância religiosa, houve um movimento gradual no sentido da estabilização política e social desde o início de 2016. Isto se deve sobretudo às eleições legislativas e presidenciais pacíficas e credíveis que marcaram uma transição política para novas autoridades democraticamente eleitas. Com um aumento na estabilização, os incidentes de violência inter-religiosa e discriminação diminuíram e muitas comunidades estão envolvidas em processos de reconciliação a longo prazo, uma tarefa que envolve diferentes grupos religiosos. Nestas circunstâncias, é possível imaginar melhores perspectivas para a liberdade e a tolerância religiosas no futuro próximo.

[6] Estes dois incidentes foram reportados pelo sistema internacional de informações da missão da ONU de manutenção da paz na República Centro Africana (MINUSCA).